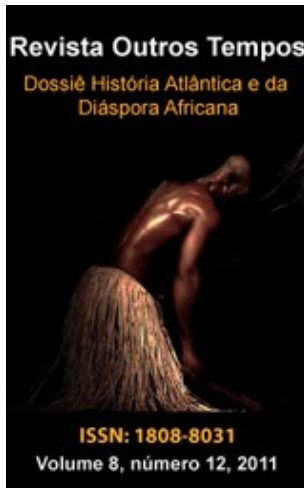


O “CASO DOS SOUZA CASTRO”: Itinerários de dois pesquisadores do Centro de Estudos Afro-Orientais na Nigéria (1962-1963)¹

THE SOUZA CASTRO’S CASE. The itinerary of two researchers of the Center for Afro-Oriental Studies in Nigeria (1962-1963)



LUIZA NASCIMENTO DOS REIS
Mestranda PPGH-UFBA
Salvador, BA-Brasil
luizanr@hotmail.com

Resumo: No início da década de 1960, o recém-fundado Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia aglutinou jovens pesquisadores com o objetivo de fomentar um intercâmbio acadêmico com países do continente africano. Para o diretor-fundador Agostinho da Silva interessava uma aproximação cultural. Para os pesquisadores, como Guilherme de Souza Castro e Yêda Pessoa de Castro, buscava-se investigar conexões religiosas entre a Bahia e determinados países da África Ocidental. Da convergência desses interesses resultou a singular experiência do então casal “Souza Castro” na Nigéria, onde estiveram entre 1962 e 1963. As dificuldades estruturais e as experiências da pesquisa no continente africano informam sobre meandros da política africana posta em curso pelo Brasil.

Palavras-Chave: Centro de Estudos Afro-Orientais. Intercâmbio acadêmico. Relações Brasil-África. Guilherme de Souza Castro. Yêda Pessoa de Castro.

Abstract: In the early 1960s, the newly founded Centro de Estudos Afro-Orientais at Universidade Federal da Bahia brought together young researchers with the aim of fostering an academic exchange with African countries. The director Agostinho da Silva had a cultural interest. For researchers such as Guilherme de Souza Castro and Yêda Pessoa de Castro, sought to investigate religious connection between Bahia and West African countries. Convergence of interests resulted in the unique experience of the couple then “Souza Castro” in Nigeria where they were between 1962 and 1963. The structural problems and research experiences in Africa report on the intricacies of African policy course set in Brazil.

Keywords: Centro de Estudos Afro-Orientais. Academic Exchange. Between Brazil and Africa. Guilherme de Souza Castro. Yêda Pessoa de Castro.

¹ Artigo submetido à avaliação em 18/09/2011 e aprovado para publicação em 18/10/2011.

Introdução

Desde o ano de 1960, Yêda Antonita Pessoa de Castro e Guilherme Augusto de Souza Castro estavam interessados em seguir ao continente africano. Ambos faziam parte da equipe de jovens pesquisadores recrutada pelo luso-brasileiro George Agostinho da Silva² para atuar no recém-fundado Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). Instalado em 1959 na Universidade da Bahia (UBa), o CEAO constituiu um marco no país por ser a primeira instituição acadêmica voltada para a produção e difusão de conhecimento sobre a África. Esse Centro de Estudos previa ainda o fomento a um intercâmbio acadêmico, com ênfase na propagação de expressões culturais, entre países africanos e a Bahia, movimentando pesquisadores, professores e estudantes. Perpassava no pensamento do filósofo Agostinho a difusão desses conhecimentos no Brasil, além da atuação como um instrumento político de ligação com países do continente africano. As propostas de Agostinho da Silva ganharam nova dimensão com a política africana posta em curso no governo Jânio Quadros, em 1961.

Na Bahia, o interesse pela África partia de outras bases. Por sua expressiva religiosidade de matriz africana, cujo maior exemplo é o candomblé, intelectuais e terreiros viviam um momento de afirmação da identidade africana, respaldada numa ancestralidade creditada aos povos iorubá, oriundos da Nigéria e Benin (antigo Daomé). Esse contexto não apenas permitiu uma maior receptividade às ideias de Agostinho da Silva como estimulou jovens pesquisadores baianos – ligados às ciências sociais, humanidades, linguística, artes e interessados em melhor compreender as ligações Brasil-África a partir dessa religiosidade – a realizarem pesquisas de campo no continente africano. É nesse contexto que se insere a experiência dos dois professores em destaque.

O CEAO, o intercâmbio de pesquisadores e a política africana

“Levar a presença do Brasil” a países africanos era um dos principais objetivos de George Baptista Agostinho da Silva quando concebeu o Centro de Estudos Afro-Orientais. O ensino de língua portuguesa “nos países sudaneses” era uma ação destacada pelo diretor na primeira carta emitida pelo CEAO datada de 8 de setembro de 1959³. Suas ideias, que podiam parecer “fora de contexto” (SILVA, 2009, p. 129), foram inteiramente acolhidas por Edgar

² No Brasil desde 1944, auto-exilado por conta da ditadura salazarista portuguesa, a trajetória deste filósofo português foi marcada pela instalação e trabalho em diversas instituições de pesquisa em diferentes estados do nosso país, a exemplo das Faculdades de Filosofia das atuais Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal da Paraíba. Ver Silva (2009, p. 11).

³ Carta de Agostinho da Silva enviada a Adolpho Justo Bezerra de Menezes em 8 de setembro de 1959.

Santos, reitor-fundador da Universidade da Bahia que promovia uma série de investimentos no plano artístico-cultural⁴. A receptividade do reitor foi imprescindível para que o luso-brasileiro radicado no Brasil pudesse se instalar em Salvador e dar vazão às suas ideias de aproximação do Brasil com países africanos. Assim, em dezembro de 1959, menos de três meses após a inauguração do CEAO, o jovem antropólogo Vivaldo da Costa Lima faria o seu “rito de iniciação africana”, ao seguir, pela primeira vez, para a Nigéria. Segundo sintetiza Paulo Fernando de Moraes Farias, um dos pesquisadores que potencializou seu interesse pela história africana a partir do trabalho no CEAO nesse período,

Uma das grandes ideias que tinha o CEAO naquela época era enviar, ou ajudar a enviar, à África uma vanguarda de baianos que pudesse aprender a estudar o continente africano lá mesmo. Dessa maneira, o CEAO queria fazer que os estudos africanos na Bahia passassem de uma fase de consumo dos conhecimentos já existentes sobre a África para uma nova fase, na qual pesquisadores e pesquisadoras baianos participassem, na própria África, da produção de novos conhecimentos sobre o continente, e do reexame crítico do conhecimento já acumulado (FARIAS, 2010).

As primeiras viagens que inauguraram o trânsito de pesquisadores baianos para países africanos e de um pesquisador nigeriano para o Brasil, custeadas pela Universidade da Bahia, através do CEAO, foram ações que, somadas a outros discursos entoados, especialmente, mas não somente, por diplomatas brasileiros, buscavam forçar o governo brasileiro a repensar sua postura de distanciamento em relação ao continente africano. Foi exatamente pensando em novas relações formais entre Brasil e África que intelectuais como Agostinho da Silva e diplomatas como Adolpho Justo Bezerra de Menezes clamavam repensar “o lugar da África” no Brasil (SARAIVA, 1996).

Uma política africana foi anunciada pelo governo Jânio Quadros em 1961. Nesse ano, considerado crucial para as relações Brasil-África contemporâneas, o presidente afirmou que os laços com a África e a Ásia não eram menos importantes do que com os outros países e asseverou que não aceitaríamos “qualquer modalidade de colonialismo ou imperialismo”. As novas missões diplomáticas permanentes nos países africanos e uma comissão de estudos das nossas relações com a África eram os encaminhamentos para fortalecer a aproximação⁵.

⁴ Da Áustria, Edgard dos Santos trouxe Hans Koellreutter para organizar os Seminários de Música da Bahia. Yanka Rudzca, vinda da Polônia, criou na UBa a Escola de Dança, o primeiro curso de nível superior na área. A escola de Teatro passou a ser dirigida por Martim Gonçalves. Edgard dos Santos “Comprou a idéia do pensador português Agostinho da Silva, montando o CEAO”. Ver Risério (2004, p. 528).

⁵ Discurso pronunciado pelo presidente Jânio Quadros. Diário do Congresso Nacional, seção II – março de 1961. Sessão de 15/2/1961. Arquivo do Senado.

Nesse novo contexto, o pensamento do diretor do CEAO pode ser apreciado pelo presidente da República em reuniões que delinearão as novas ações federais para aproximação com aquele continente. Se naquele momento as relações econômicas tinham primazia, as relações culturais não estavam excluídas, exatamente com a função de apresentar o Brasil às nações africanas. O esforço inicial de Agostinho da Silva era garantir que as ações de intercâmbio postas em curso recebessem financiamento direto do governo federal. Assim, Vivaldo da Costa Lima passou a receber um parco subsídio do Itamaraty como leitor⁶. Mais ainda, o professor luso-brasileiro buscou fomentar novas ações de intercâmbio que iam desde a consolidação de acordos culturais com países africanos ao intercâmbio de estudantes secundaristas. Seu esforço maior era garantir que o Centro de Estudos Afro-Orientais fosse transformado numa instituição diretamente vinculada ao Ministério das Relações Exteriores.

A efervescência vivida durante o primeiro semestre de 1961 ante as possibilidades postas pela política africana deu lugar à grande indefinição diante de duas mudanças que marcariam a trajetória do CEAO. Edgard dos Santos, que havia dado apoio incondicional ao CEAO, foi substituído no mês de junho por Albérico Fraga, novo reitor que não era dos mais afeitos às atividades pensadas no Centro. A renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961, e a crise política que se seguiu, minou as esperanças e possibilidades de que o Brasil mantivesse o mesmo empenho na aproximação com o continente africano, e que o CEAO tivesse financiamento para suas custosas atividades. Como ficariam as atividades já planejadas como a recepção na Bahia a estudantes africanos⁷ ou a ida dos dois professores brasileiros à Nigéria?

Disponibilidade para o CEAO

⁶ Na definição de Vivaldo da Costa Lima, “o leitorado não implica cursos regulares nem nada, mas presença, palestras e vários departamentos, escolas secundárias, ocasionais projeções de filmes e slides e pequenas conferências, Lectures sobre cultura e História do Brasil”. Tornava-se uma possibilidade de vínculo com o Ministério das Relações Exteriores para a manutenção dos pesquisadores na África a ensinar o português ao tempo em que realizavam suas pesquisas. Carta enviada por Costa Lima a Waldir Oliveira em 20 de setembro de 1962. Logo Pedro Moacir Maia seguiu para o Senegal. Sobre a atuação deste leitor brasileiro e posteriormente adido cultural há poucas informações no CEAO.

⁷ A postura racista de Albérico Fraga pode ser conhecida através da experiência dos primeiros estudantes africanos no Brasil, recepcionados pelo CEAO, em 1961. Ver Reis (2009).

Yêda Castro, professora de letras da rede estadual de ensino, dispôs-se a seguir para a África. Seu contato com Agostinho da Silva teria começado quando o professor amadurecia suas ideias para a fundação do CEAO, ou seja, durante a realização na Bahia do IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, em setembro de 1959. Oriunda do Instituto de Fonética da UBa, sob a orientação do professor Nelson Rossi, e interessada na religiosidade de matriz africana, Yêda logo se aproximou do CEAO. Sua candidatura como leitora na Universidade de Ibadan, Nigéria, foi comunicada ao secretário de Educação e Cultura do Estado da Bahia, Wilson Lins, em 12 de junho de 1961, ao tempo em que solicitava licença para a mesma.

Seu então esposo, Guilherme de Souza Castro, igualmente havia se disponibilizado para atuar no Centro de Estudos Afro-Orientais. Diferente de Yêda, Guilherme nutria menor relação com a Universidade. No entanto, isso não era estranho para Agostinho que, ao pôr em prática suas ideias, buscava pessoas que nelas acreditassem e estivessem dispostas a contribuir em detrimento de rigores científicos. Logo no início de 1961, Agostinho da Silva solicitou ao presidente da República, Jânio Quadros, que Guilherme Castro fosse colocado à disposição da Universidade da Bahia para seguir ao continente africano. Não foi encontrado no acervo do Centro de Estudos um documento que atestasse essa deliberação, no entanto ele escreveu diversas vezes aos Correios e Telégrafos da Bahia, instituição onde o referido professor trabalhava, para que as providências necessárias fossem tomadas no sentido de desligá-lo e a ordem do presidente fosse cumprida⁸. A justificativa residia na necessidade de que além de professores secundários para ensinar no Senegal, como seria estabelecido através de um acordo específico, era necessário professores para “coadjuvar o trabalho de nossos leitores nas universidades locais”. Em meados de junho de 1961, o diretor do Departamento Cultural, Wladimir Murtinho, era informado da disponibilidade dos dois professores para seguirem para a África⁹.

Após a liberação, Guilherme Castro encaminhou uma carta ao CEAO sistematizando uma série de questionamentos acerca das funções que ele e sua esposa assumiriam no Centro de Estudos¹⁰. Vale rememorar que, no início de agosto, Agostinho da Silva já vivenciava as dificuldades decorrentes da mudança do reitor e se aproximava a crise da renúncia do

⁸ Em 19 de maio e 12 de junho de 1961, Agostinho da Silva enviou carta aos Correios e Telégrafos da Bahia solicitando providências para a liberação de Guilherme Augusto de Souza Castro. Em 24 de maio de 1961, Agostinho da Silva escreveu diretamente ao secretário do presidente, José Aparecido de Oliveira, lembrando o não desligamento do referido professor, o que “impede que ele receba o treinamento necessário para o cargo a desempenhar na África”.

⁹ Carta enviada por Agostinho da Silva a Wladimir Murtinho em 20 de junho de 1961.

¹⁰ Carta enviada por Guilherme de Souza Castro a Agostinho da Silva em 2 de agosto de 1964.

presidente da República. O que isso poderia assegurar aos novos integrantes da equipe do Centro de Estudos Afro-Orientais?

Se no segundo semestre de 1961 o próprio funcionamento do CEAO, ante a conjuntura que se estabeleceu na UBa e no cenário nacional, seria marcado por incertezas, a ida de Guilherme Augusto de Souza Castro e Yêda Antonita Pessoa de Castro não seria diferente. Sem o apoio federal não havia garantia de liberação das passagens dos professores. Mesmo que Agostinho da Silva informasse, em 24 de agosto de 1961, que Guilherme Castro partiria rumo ao continente africano levando material de propaganda do Brasil, a ida a Nigéria só se efetivaria após seis meses¹¹.

Vivaldo da Costa Lima, leitor na Universidade de Ibadan até setembro de 1961, quando seguiu para Gana, a fim de ser credenciado como adido cultural, aguardou em seus últimos dias na Nigéria uma confirmação da ida do professor que o substituiria no leitorado. Sua intenção era ambientar os professores na Universidade. O novo ano letivo se iniciaria em outubro, momento em que já deveriam ter chegado. Em 19 de setembro, Costa Lima escreveu: “Espero daí entretanto a notícia da vinda do Souza Castro. Repito, as coisas aqui são feitas com grande antecedência, e a Universidade não sabe ainda nada a respeito da data da chegada do Souza Castro”.

Às vésperas de se mudar para Gana, a paciência do novo adido cultural havia se esgotado.

Estou de volta a Ibadan para arrumar livros, arquivos, etc, e naturalmente esperar o Souza Castro que deveria ter chegado no fim de setembro. Reconheço as tais “contingências políticas” etc do momento, mas creio que elas não podem apenas ser responsabilizadas, pois tudo deveria estar acertado antes da famosa crise do Jânio, e, se depois parece que a normalização do país já se processa a ponto de não perturbar a simples vinda de um professor para a África. De todo modo, estou aqui como um palhaço (sem metáfora), sem saber o que dizer à Universidade, e o que é pior, sem saber o que pensar. Pedi que me telegrafassem avisando se ou quando viria o Souza Castro. Um telegrama me animaria agüentar as coisas aqui. Nada. A essa altura, os melhores apartamentos disponíveis tomados, as casas mais bem localizadas distribuídas, se o Castro vier terá de contentar-se com o que lhe derem e não mais com o que eu escolhi há 3 (três) meses! Por outro lado, devo viajar para Gana logo que saiba de qualquer coisa. E não sei de nada¹².

A viagem à Nigéria

¹¹ Carta enviada por Agostinho da Silva a Wladimir Murtinho em 24 de agosto de 1961. Vale lembrar que esse dia era a véspera da inesperada renúncia do presidente da República.

¹² Carta de Costa Lima enviada a Waldir Oliveira em 2 de outubro de 1961.

A liberação das passagens para Yêda e Guilherme de Souza Castro ocorreu somente em 10 de janeiro de 1962, através da reitoria da Universidade da Bahia. Waldir Oliveira, novo diretor do CEAO, anunciou a Agostinho da Silva aquela “data memorável”, já que, de acordo com suas palavras, havia conseguido “a mais difícil de todas as coisas até agora, junto ao reitor – a ida do Guilherme.” E a viagem não mais tardaria. “Acredite que foi uma tarefa difícil a cumprir, mas que já no próximo sábado seguirão o Guilherme e a mulher para o Rio de Janeiro, donde embarcarão para a Nigéria, provavelmente no domingo”¹³. Se não perdermos de vista as dificuldades encontradas pelo Centro de Estudos Afro-Orientais para obter pareceres favoráveis a seus projetos junto à nova reitoria, a ida dos professores para a Nigéria havia sido realmente um grande feito. De uma só vez havia sido liberada uma quantia de dinheiro bastante expressiva. “Ele receberá cem mil cruzeiros mensais [...] Passarei agora a pleitear cem mil cruzeiros para o Vivaldo, que recebe noventa e cinco; mas só pedirei qualquer coisa ao reitor após um período de descanso, uma vez que só com esta viagem desembolsou a reitoria cerca de 550 contos”¹⁴.

Na Nigéria, a esperada e sonhada viagem dos Souza Castro foi marcada por uma inesperada recepção. Em 29 de janeiro, Waldir Oliveira escrevia a Costa Lima. Referia-se a um carbograma enviado pela Universidade de Ibadan, informando que a Universidade da Bahia deveria pagar a hospedagem dos mesmos, cujo valor totalizava 200 dólares mensais¹⁵. A situação se mostrava diferente quando Costa Lima havia sido leitor na mesma universidade e Oliveira não entendia nem aceitava o motivo da nova resolução: “...não devemos aceitar a exigência de Ibadan. Estamos prestando um serviço, afinal de contas, e será justo que a Nigéria dê aos Souza Castro o mesmo tratamento que deu a você”. O diretor do CEAO encarou a situação como uma falta de cooperação daquele país para com uma universidade que, excepcionalmente, em toda a América Latina, mantinha cinco estudantes nigerianos. “Onde, pois, está a cooperação dos nigerianos? Será que apenas nós devemos fazer esforços no sentido de uma aproximação maior com a África?”¹⁶.

Dias depois a situação dos Souza Castro era comunicada a Agostinho da Silva. Waldir Oliveira recebeu em 5 de fevereiro uma “aflita” carta de Guilherme e imediatamente escreveu a Silva comentando a negativa da hospedagem ao casal e a possibilidade de alojá-los em

¹³ Carta enviada por Waldir Oliveira a Agostinho da Silva em 11 de janeiro de 1962.

¹⁴ Carta enviada por Waldir Oliveira a Agostinho da Silva em 11 de janeiro de 1962.

¹⁵ O referido carbograma não se encontra no acervo do CEAO.

¹⁶ Carta enviada por Waldir Oliveira a Costa Lima em 29 de janeiro de 1962. No rodapé desta carta explicava a Costa Lima que não o havia informado da viagem dos Souza Castro “por falta de dinheiro para passar o carbograma”, portanto Costa Lima não os aguardava em Acra, Gana.

Gana, com o embaixador brasileiro Raymundo de Souza Dantas. Pedia uma opinião a Silva acerca do conselho dado ao colega. “E recomendei a Guilherme que ficasse na Nigéria o máximo de tempo possível e depois fosse para Acra, e se *agarrasse* lá de qualquer jeito, enquanto eu providenciava por este lado de cá”¹⁷. A ausência de respostas de Costa Lima e de Guilherme de Souza Castro afligia Waldir Oliveira, que relatava a Agostinho da Silva as limitadas providências que podia tomar.

Agora, aguardo, inquieto, a solução para o caso Souza Castro; até hoje não recebi qualquer notícia de Vivaldo, nem novas notícias do casal. Pedi, implorei, é a verdade, que o Reitor telegrafasse a Ibadan, em termos mais ou menos enérgicos, cheguei a redigir o carbograma, mas nada até agora foi feito, achado o Magnífico que devemos esperar a chegada de uma carta anunciada por Ibadan em carbograma, mas que não chegou até agora e não sei quando chegará. E enquanto isto, o Souza Castro deve estar em palpos de aranha pela África. E isto é para o Centro, para a Universidade e para o Governo do Brasil, uma situação desagradável¹⁸.

Vivaldo Costa Lima escreveu apressada carta ao reitor da UBa, Albérico Fraga, em 3 de fevereiro de 1962, explicando-lhe o motivo para o “lamentável impasse”. Os professores não podiam ser alojados na Universidade de Ibadan porque “o(s) orçamento(s) de acomodação de professores de fora já está(vam) pronto(s) desde outubro” do ano anterior, quando havia começado o ano letivo naquele país. Costa Lima sugeria ao magnífico que telegrafasse à Universidade “esclarecendo a obrigação de Ibadan alojar o professor como a sua parte no acordo”. O casal de professores se encontrava como hóspede daquela Universidade em período que não ultrapassaria um mês. Assim, 26 de fevereiro era o prazo para resolver tal situação. Como alternativa, Costa Lima sugeria que “além do telegrama de Ibadan dizendo que lamenta não poder concordar com a proposta de Ibadan etc, o Senhor me passaria um telegrama para que eu aqui em Acra acertasse a vinda dos Castro para cá, onde eles ficariam na Universidade e no Institute of Languages”¹⁹.

Costa Lima reproduzia, ao final da correspondência, o texto da carta de apresentação à Universidade de Ibadan, assinada pelo embaixador do Brasil em Gana, Raymundo de Souza Dantas, acusando diversas falhas que concorreram para a conformação daquela inesperada situação. “A distancia, dificuldade de comunicação etc. concorrem para esses malentendidos mas permita-me [...] que lhe expresse o meu espanto com o sucedido, a falta de respostas a cartas de que dependeriam absolutamente a vinda dos Castro”²⁰.

¹⁷ Carta enviada por Oliveira a Silva em 5 de fevereiro de 1962. Grifo do autor. A referida carta enviada por Guilherme Castro, que seria a primeira enviada da Nigéria, não foi encontrada no acervo do CEAO.

¹⁸ Carta enviada por Waldir Oliveira a Agostinho da Silva em 12 de fevereiro de 1962.

¹⁹ Carta enviada por Costa Lima a Albérico Fraga em 3 de fevereiro de 1962.

²⁰ Carta enviada por Costa Lima a Albérico Fraga em 3 de fevereiro de 1962.

Foi exatamente a ausência de respostas às cartas enviadas pelo “registrar” de Ibadan que fez com que os professores não fossem mais aguardados. No carbograma escrito por Guilherme de Souza Castro, no dia seguinte a sua chegada a Ibadan, além de narrar rapidamente a situação em que se encontrava, há o registro do impasse que as tais cartas criaram. “O homem mostrou-se duro. Vingou-se em mim da falta de resposta à sua carta. Prometeu-me até mandar-me cópias de toda a correspondência sobre o meu caso”²¹. Numa carta enviada em 15 de fevereiro, Costa Lima desfazia todo o mal-entendido, explicando a Waldir Oliveira que, longe de discriminação com a Universidade da Bahia, o que sucedera foi a falta de confirmação oficial e a antecipada ida dos professores. “O fato claro que causou tudo isto foi, não há que negar, a falta de atenção nossa (vá lá que seja nossa) à carta do Registrar, que, se respondida a tempo, não teria causado toda esta insólita e desagradável situação”.²² A referida carta foi enviada de Ibadan ao professor Tales de Azevedo, vinculado ao departamento cultural da Universidade. Todo o impasse foi resolvido com a ida de Guilherme e Yêda Pessoa de Castro para a Universidade de Ifé, também localizada na cidade de Ibadan, que comunicou a Costa Lima a disponibilidade em receber um leitor brasileiro.

A partir de então, Guilherme Castro, em longas e diversas cartas no decorrer daquele ano, narrou as inúmeras dificuldades por quais passava em sua “aventura africana”. Já instalado em Ifé, em 20 de fevereiro de 1962 enviou uma carta manuscrita em papel “não muito apropriado”, na qual expunha com um pouco mais de detalhes a sua saga nos primeiros dias no continente. “Em Ghana, almocei e jantei durante dez dias (eu e Yêda, naturalmente) na casa do embaixador, enquanto esperava o Vivaldo que, sem aviso da nossa vinda, estava na Ivory Coast”²³. Informava que o dinheiro levado havia acabado. “Vamos comendo *como Deus é servido*.” Lembrou os “quinze angustiados dias de humilhação gastos no UCI” e, enfim, a instalação na Universidade de Ifé. Ressaltava a necessidade de que a Universidade da Bahia enviasse uma carta para regularização dos professores sem a qual não seria possível o início do trabalho. O reitor receberia um relatório. Em 11 de março, Souza Castro voltaria a escrever questionando a carta de apresentação que não havia chegado da Universidade da Bahia, sem a qual qualquer atividade dele estaria inviabilizada na Universidade de Ifé. Como exemplo citou uma exposição de fotografias que não conseguia realizar sob diferentes alegações. O tom da carta, diferente da anterior, evidenciava uma ironia. “Mande-me ao

²¹ Carta enviada por Guilherme Castro a Waldir Oliveira em 20 de setembro de 1962.

²² Carta enviada por Costa Lima a Waldir Oliveira em 15 de fevereiro de 1962.

²³ Carta enviada por Guilherme Castro a Waldir Oliveira em 20 de fevereiro de 1962.

menos dizer que tudo mudou, que já não interessa fazer coisa alguma por cá, que nos retiramos. É só mandar as passagens”²⁴.

No acervo do CEAO, não encontrei a correspondência internacional do primeiro semestre de 1962. Certamente elas apresentariam as respostas de Waldir Oliveira às cartas de Guilherme. O tom de animosidade entre os dois professores tornou-se mais evidente quando, em 23 de março, Guilherme Castro enviou da Nigéria um relatório ao CEAO. Em relação às atividades desenvolvidas “nada podia” dizer “pela razão muito simples que o leitorado *de fato* não existe”. Em seguida narrou com riqueza de detalhes a chegada ao continente africano, de modo a explicar os motivos de não mais possuir dinheiro. Assim sabemos que chegaram inicialmente em Dakar, onde nenhuma pessoa estava a esperá-los. Pedro Moacir Maia espantou-se ao vê-los. Sem contar a hospedagem, somente a corrida de táxi custou-lhe 3 mil francos. Em Acra, para onde partiram no dia seguinte, foram recebidos pelo funcionário da embaixada brasileira porque haviam telegrafado no dia anterior. E mesmo com toda a receptividade do embaixador, com quem almoçaram e jantaram durante os dez dias em que passaram a esperar Vivaldo Costa Lima regressar das pesquisas, a hospedagem custou-lhes 40 libras ou 40 mil cruzeiros. “[...] se não fora a perfeita assistência a nós prestada, pelo embaixador Souza Dantas, teríamos *ficado sem níquel* para prosseguimento da viagem”. Por fim narrou os (des)entendimentos com a Universidade de Ibadan e a solução encontrada na Universidade de Ifé, cuja carta de apresentação para iniciar os trabalhos ainda aguardava.

Falta de dinheiro e a justificativa para a aquisição de um carro foram os pontos abordados na carta enviada por Guilherme em 05 de abril. Nesta, o leitor brasileiro alegava, com um tom amistoso, uma situação drástica, em suas palavras, “quase passando fome”. Nem o dinheiro da UBa remetido pelo irmão nem o do Itamaraty haviam chegado. Sobre o carro, insistia que não era um artigo de luxo como muitos pensavam na Bahia. Sua argumentação apresentava a inviabilização de uma série de atividades, desde as mais corriqueiras do cotidiano até as pesquisas, por conta da impossibilidade de locomoção, já que não havia um sistema de transporte público. As possibilidades de financiamento oferecidas pela Universidade estavam inviabilizadas para Guilherme Castro, diante do aumento que os preços sofreram por aqueles dias. Assim, sugeria que a Universidade arcasse com as prestações do carro.

Em 14 de abril, Guilherme espantava-se por somente no dia anterior haver recebido cartas postadas por Waldir Oliveira, quando dos incertos dias na Universidade de Ibadan. Pensava em sabotagem e achava que a discussão em torno da falta de resposta da universidade

²⁴ Carta enviada por Guilherme Castro a Waldir Oliveira em 21 de março de 1962.

fosse apenas um pretexto dos “ingleses (tanto faz sejam pretos ou brancos)” que “não escondem seu rancor para com o Brasil”. Além da reiterada falta de dinheiro, Guilherme expunha a falta de receptividade da universidade.

Saiba você, que o dep. de estudos extra-Murais, que convida Deus e o Mundo para dar aulas, agarrando gato e cachorro, simplesmente nos ignora... E a sua diretora foi a primeira pessoa que procuramos aqui em Ibadan. E Vivaldo lhe fez uma carta pedindo o seu interesse por *nosso caso*. Em tal o *gelo* em que ficamos? Um tal lingüista – o Spencer – por quem Vivaldo se mostrava tão entusiasmado, dizendo ser o homem próprio para nos auxiliar nas pesquisas que quiséssemos fazer, nem sequer fala conosco!²⁵

Ao final do mês de abril, Guilherme pedia que Waldir esquecesse os agravos passados e lembrava que a disponibilidade de Yêda Pessoa, como servidora do Estado da Bahia, terminava ao dia 2 de julho sendo necessário renová-la²⁶.

Em junho, uma extensa carta do professor Guilherme de Souza Castro assim foi iniciada: “De logo as minhas desculpas pela demora em lhe fazer esta. Infelizmente é certo o adágio que diz: *saco vazio não se põe de pé*. A causa dessa demora não é outra senão as dificuldades financeiras de que você tem conhecimento”.²⁷ Na carta reafirmava que suas atividades na universidade só se iniciariam em outubro, quando começaria o ano letivo. Estava, portanto, de “quarentena”. Sobre a sua chegada à Universidade, o professor retomava as difíceis circunstâncias pelas quais passava para reafirmar indisposições mantidas na Universidade.

Agora, um exemplo de indisposição oficial: o Departamento de Estudos Extra-Murais da UCI. Que, por enquanto, é comum às duas universidades, e por meio do qual eu poderia ter iniciado um curso *livre* de Português, não obstante saber-se em Ibadan, integrado ao corpo de leitores de línguas da U.I., simplesmente ignora a minha presença. Esse procedimento da UCI nem sequer leva em conta o fato de que o Departamento de Estudos Extra-Murais não é exclusivo dele; no entanto foi meu primeiro contato na Nigéria, quando da minha chegada, contato que se repetiu por mais de uma vez²⁸.

Após deter-se no problema das correspondências como forma de justificar sua difícil inserção em Ibadan, Guilherme trouxe novidades em relação às pesquisas que havia iniciado junto com Yêda. “Fazemos uma pesquisa sobre o vocabulário português remanescente na Nigéria”. Antes de finalizar, referia novamente ao atraso da correspondência enviada pela UBa para a UCI, que só havia chegado seis meses depois. Relatava informações sobre o interesse do Brasil pela Nigéria e atualidades sobre a política local.

²⁵ Carta enviada por Guilherme Castro a Waldir Oliveira em 14 de abril de 1962.

²⁶ Carta enviada por Guilherme Castro a Waldir Oliveira em 25 de abril de 1962.

²⁷ Carta enviada por Guilherme de Souza Castro a Waldir Oliveira em 28 de junho de 1962. Grifo do autor.

²⁸ Carta enviada por Guilherme de Souza Castro a Waldir Oliveira em 28 de junho de 1962. Grifo do autor.

Vivaldo da Costa Lima apresentaria uma interpretação diferente para a situação dos Souza Castro na Nigéria. Após sua inesperada estada na Bahia, entre março e maio de 1962, devido ao falecimento de seu pai,²⁹ Costa Lima esteve na Nigéria. Acertou a viagem dos três bolsistas nigerianos que viriam para a Bahia e foi ver os Souza Castro em Ibadan. “Levei-lhes 450 dólares do trimestre, bem recebidos, naturalmente. O fato é que parece faltar no jovem casal – em que pese a considerável organização de Yêda – certo planejamento econômico”. Para tanto, informava que o carro foi comprado utilizando todo o dinheiro recebido. E concluía que a situação “nunca foi tão assustadora nem tão crítica”.

O mais é falta de ímpeto, de arrojo, do Guilherme. Mesmo o lamentável caso de Ibadan teria sido resolvido se ele tivesse mais peito. [...] tudo isto são fracas razões para seus iniciais receios, dificuldade de expressar-se em inglês etc etc. [...] O relatório de Extra-Mural da Universidade está cheio de referências ao meu trabalho em Ibadan em 61, e até agora eles não procuram o Extra-Mural para se oferecerem, como eu fiz, para palestras e debates sobre o Brasil. Esperam convite do Extra-Mural [...] ³⁰.

Dois dias depois, numa carta assinalada como *confidencial*, Costa Lima tratava com Waldir Oliveira pormenores sobre uma ideia que lhe havia surgido - um Centro Brasileiro a ser instalado no Daomé - e aproveitou para dizer algo mais sobre Guilherme de Souza Castro. O tom de chateação, crescente ao longo da citação, decorre do fato de Guilherme ter comentado que uma palestra realizada por Vivaldo Costa Lima, em Ibadan, não foi bem recebida,³¹ quando os dois professores já estavam a quase seis meses na Nigéria sem realizar palestra alguma.

O conhecimento do inglês é indispensável. Os Castro tiveram nisso o handicap que não confessaram. Estão *sentidos* porque Miss Bown não os convidou imediatamente à vista de minha carta de apresentação para fazer as palestras que eu vinha fazendo no Extra-Mural.[...] Vale repetir isto e repetirei quantas vezes for necessário para inclusive esclarecer certas coisinhas baianas no procedimento do nosso caro amigo de Ibadan sempre disposto a insinuar má vontade da Universidade de Ibadan em relação a ele, ao Brasil, má vontade que só ele sentiu ou descobriu.[...] A burrice do Guilherme o impediu de manejar a situação na Universidade de Ibadan. Nada Mais. E basta³².

²⁹ Na carta enviada a Costa Lima, de Paris, no dia 30 de março de 1962, Pierre Verger lamentou a notícia. “Não encontro palavras que não me pareçam imediatamente convencionais ou friamente educadas para dizer-lhe o quanto estou triste pelo que aconteceu com você, gostaria que transmitisse à sua mãe também toda a minha simpatia”. *Afro-Ásia*, n 37, 2008, p. 265.

³⁰ Carta enviada por Costa Lima a Waldir Oliveira em 5 de julho de 1962.

³¹ Segundo Costa Lima (Imagine que ele teve o desprante de me dizer que minha conferência sobre Fidel Castro dada em Ibadan a convite da União dos Estudantes – único leitor estrangeiro a ser convidado pelo ultra-nacionalista (da) União – causou espécie aos ingleses e africanos conservadores de Ibadan... Quando a Nigéria acaba de mandar 45 estudantes para a Rússia com bolsa de estudo do Governo...).

³² Carta enviada por Costa Lima a Oliveira em 07 de julho de 1962. Grifos do autor.

Em 23 de julho, Guilherme escreveu informando da compra do carro e apresentando um plano de trabalho em relação às cidades a serem visitadas. Em 30 de julho enviou um carbograma para explicar ao diretor do CEAO que o ministro Lauro Escorel, diante das cartas e relatórios dramáticos que havia recebido, solicitou uma carta da Universidade de Ifé, confirmando que o referido professor havia sido aceito com leitor. A Universidade de Ifé, por sua vez, aguardava uma carta da Universidade da Bahia, confirmando que Guilherme permaneceria na Nigéria por todo o período letivo a ser iniciado em outubro. Em 06 de agosto, novo carbograma vindo da Nigéria referia que a “inopinada disposição do Itamaraty de cortar a subvenção que me paga [...] irá complicar mais ainda as coisas”. Naquele mês, o CEAO recebeu uma carta do ministro Escorel, explicitando sua opinião a respeito. Depois de “um quadro tão cheio de dificuldades” apresentado pelo Souza Castro, “não vejo muito bem o que poderá estar fazendo de útil na Nigéria. Se as Universidades de Ibadan e de Ifé não estão, como parece, interessadas em incrementar os estudos brasileiros, parece-me sem propósito manter um leitor lá”.³³

Waldir Oliveira, Costa Lima, Agostinho da Silva e Pierre Verger³⁴ concordavam que as reclamações de Guilherme de Souza Castro, desde que chegou à Nigéria, pareciam bastante exageradas. No entanto, no segundo semestre daquele ano, o diretor do CEAO dialogou com o ministro Escorel, no sentido de fazê-lo compreender a dificuldade de envio de verbas do Brasil e, por conseguinte, a importância que a verba do Itamaraty assumia, tanto para Guilherme quanto para Vivaldo da Costa Lima.

Em 10 de setembro de 1962, Guilherme Castro desistia “de tudo”. Sua carta nos apresenta as justificativas.

Sinto que chegamos a uma situação de tal maneira insustentável que eu lhe mentiria se dissesse ainda ter ânimo para continuar a luta aqui. Passados oito meses de nossa chegada na África, ainda não tivemos um só dia isento de apreensões. Isto, como você bem compreende, não só nos desgasta a saúde física e moral, como, principalmente, tem prejudicado o nosso trabalho. Ademais, não me parece honesto ganhar um dinheiro que não tem correspondência ao trabalho que de nós se espera, mesmo quando não seja nossa culpa o seu não desempenho.[...] legalmente, pela interpretação que a Universidade de Ifé deu à (única) carta da Universidade da Bahia que chegou aqui, a minha missão deverá encerrar-se em janeiro do próximo ano. Com isto, naturalmente, encerram-se também as obrigações da Universidade de Ifé

³³ Carta enviada por Lauro Escorel a Waldir Oliveira em agosto de 1962.

³⁴ Em 24 de outubro de 1962, Agostinho da Silva escreveu a Waldir Oliveira que acreditava estar o professor mais desconfortável com a frieza encontrada que com a reiterada “fome”. Pierre Verger escreveu em 22 de novembro daquele ano que ao encontrar ligeiramente o Souza Castro em Ibadan, “Chorou novamente sobre que a Embaixada o chamava para Lagos amanhã, e já é certo que era para ele decidir que não havia possibilidade de receber dinheiro do Brasil. Tenho a impressão que o Castro deve ter algum complexo de *sevrage*”. Ver *Afro-Ásia*, n. 37, 2008, p. 286. Grifo do autor.

para comigo. [...] Além disso, há um outro aspecto que se me afigura também fundamental para minha permanência aqui. Trata-se da continuação do pagamento da ajuda do Itamaraty, e da regularidade que deve presidir à chegada do meu ordenado. [...] Não fosse o mais drástico equilíbrio de nossas despesas durante todo esse tempo [...] não teríamos chegado, como conseguimos chegar, ao mês de julho. [...] Assim, retornamos, depois de um pequeno intervalo de dois meses, ao regime de apenas uma refeição por dia. [...] Em todo o caso, essa parte dos meus cuidados não é a principal. O mais importante de tudo é a definição do meu status aqui, na Universidade de Ifê. [...] Ajunto só um pedido: mande-me as passagens de volta. Renuncio a tudo o que, por ventura, de bom a minha estadia aqui possa trazer-me; deixo o nosso trabalho já iniciado para outro, ou outros, com melhor espírito de sacrifício; entrego os pontos³⁵.

Waldir Oliveira pediu mais explicações em relação ao pedido das passagens³⁶ e tentou convencer Souza Castro que retornar naquele momento seria uma importante perda para o CEAO e para a UBa. Culpava assim o Itamaraty: “Se o Brasil estivesse realmente interessado na política de aproximação cultural com os países africanos, outra atitude teria tomado, desde quando os problemas começaram a surgir”³⁷. A carta dramática para o Lauro Escorel já foi apresentada neste trabalho. Lembremos que, ao mesmo tempo em que os professores solicitavam o retorno da Nigéria, Waldir Oliveira encontrava-se farto da ausência de informações acerca dos novos bolsistas africanos que deveriam chegar em novembro. É necessário compreender que as dificuldades do Itamaraty em melhor apoiar as ações do intercâmbio no continente africano tinham relação direta com as alterações sofridas no Ministério das Relações Exteriores.

Sobre a situação dos professores, Waldir Oliveira reconheceu o completo fracasso em relação ao envio e manutenção: “...após quase um ano de lá chegados não se adaptaram de modo algum, e agora lá estão, endividados, sem que até hoje fossem aceitos pela Universidade de Ifê, a despeito da condição de leitor do Guilherme Castro em pleno desespero, pedindo passagens de volta, com urgência”³⁸. Como a Universidade não possuía recursos, o diretor do CEAO pedia, através da compra das passagens, o adiantamento de uma verba garantida pelo Itamaraty ao Centro³⁹.

As passagens foram enviadas e Escorel foi agradecido pelo CEAO⁴⁰. No entanto, dada a discussão entre Guilherme e Waldir Oliveira, ante as explicações e cobranças por conta do pedido de retorno à Bahia,⁴¹ entrou em cena a correspondência de Yêda Pessoa de Castro que

³⁵ Carta enviada por Guilherme de Souza Castro a Waldir Oliveira em 10 de setembro de 1962.

³⁶ Carta enviada por Waldir Oliveira a Guilherme Castro em 26 de setembro de 1962.

³⁷ Carta enviada por Waldir Oliveira a Guilherme Castro em 17 de outubro de 1962.

³⁸ Carta enviada por Waldir Oliveira a Lauro Escorel em 9 de outubro de 1962.

³⁹ O departamento Cultural do Itamaraty havia garantido uma verba de um milhão de cruzeiros ao CEAO, a qual, por um erro no nome do Centro, não pôde ser recebida naquele ano.

⁴⁰ Carta enviada por Waldir Oliveira a Lauro Escorel em 23 de outubro de 1962.

⁴¹ A carta enviada por Guilherme de Souza Castro a Waldir Oliveira em 8 de outubro de 1962 explica, desta vez num tom de discussão, por que precisava de passagens e como suas cartas não teriam sido responsáveis pelo

até então não havia escrito ao CEAO. Em sua carta, enviada em 12 de outubro, agradeceu o apoio de Waldir Oliveira na regularização de sua licença como professora do estado e pelo aumento que receberiam. Continuava a fazer suas pesquisas e enviava em anexo uma “espécie de introdução a uma série de outros (artigos) sobre os iorubás e a Nigéria, mas no que se liga à Bahia”, dos quais esperava críticas e possivelmente publicação. Em 6 de novembro, a professora informou o recebimento das passagens para o Brasil e comentou sobre o bom andamento das pesquisas e dos artigos que estavam escrevendo. A respeito da decisão de permanecerem até dezembro, Waldir Oliveira comentou com Agostinho da Silva sua incompreensão: “Como entender tal tipo? Será que a fome por ele chegada já se tornou um hábito, ou nunca foi tão grande como dizia”?⁴² Eles puderam conversar pessoalmente em dezembro, pois Waldir Oliveira seguiu rumo ao continente africano para participar do Congresso Internacional de Africanistas com Costa Lima, que já se encontrava em Acra e programou para passar o Natal com o casal de professores⁴³.

O mês de outubro de 1962 traria alterações que dificultariam ainda mais a presença desses pesquisadores brasileiros na África: a assunção de Hermes Lima como novo Ministro das Relações Exteriores em substituição a Afonso Arinos, que havia posto em curso a política africana. Em resposta ao pedido desesperado dos professores Souza Castro para retornar ao Brasil e à insistente solicitação de informações sobre a vinda dos novos bolsistas africanos, o ministro Escorel dizia a Waldir Oliveira: “Você pode imaginar que as constantes mudanças verificadas e a incerteza reinante não favorecem soluções rápidas”.

Outro pedido, não atendido, referia-se à concessão de passagens para Paulo Farias, jovem professor que havia assumido no início daquele ano o setor de estudos históricos do Centro e pleiteava, a partir de um diálogo com Costa Lima, uma bolsa para seguir a Gana. Diante da situação dos Souza Castro, o reitor pedia provas de que o novo professor havia de fato conseguido a bolsa em Gana⁴⁴.

No início do ano de 1963, enquanto Waldir aprofundava estudos na França, as atividades do CEAO, a cargo do jornalista Flávio Costa, foram marcadas pela manutenção do programa dos bolsistas africanos. Sobre a situação dos leitores, Flávio informou a Oliveira que, diante de uma longa carta enviada por Costa Lima ao reitor, contando todas as mazelas

retrimento da ação de Escorel.

⁴² Carta enviada por Waldir Oliveira a Agostinho da Silva em 16 de novembro de 1962.

⁴³ O convite para o CEAO mandar representante ao I Congresso Internacional de Africanistas, realizado em Acra, entre os dias 12 e 17 de dezembro de 1962, foi feito por intermédio do Costa Lima. Oliveira conseguiu as passagens com o reitor em setembro, num momento em que o reitor estava *uma verdadeira seda*, por conta de um artigo escrito por Odorico Tavares. Carta enviada por Verger a Costa Lima em 13 de setembro de 1962.

⁴⁴ Ver cartas enviadas por Waldir a Costa Lima nos dias 18 e 26 de outubro de 1962.

que os leitores estavam passando na África, o magnífico, diante da drástica situação exposta e da responsabilidade que lhe era atribuída, assumiu que nunca havia incentivado tais viagens e ordenou que todos voltassem imediatamente sob pena de terem seus salários cortados.⁴⁵ A permanência de Guilherme e Yêda até junho de 1963 deu-se pelo fato de já terem recebido o ordenado do Itamaraty referente ao último trimestre, até junho, quando terminava o ano letivo na Universidade de Ifé. Segundo o novo diretor do departamento cultural, Costa Franco, “não ficaria bem, para a imagem do Brasil, que ele retornasse sem antes terminar o curso”⁴⁶.

O ano de 1963 terminaria com o retorno de Vivaldo da Costa Lima, que assumiu o setor de pesquisas sociológicas e antropológicas do Centro e Guilherme de Souza Castro, que assumiu o setor de bolsas e assistência aos bolsistas. Waldir Oliveira ainda tentou retomar o diálogo com o Itamaraty sem respostas frutíferas. Em 21 de novembro, Hélio Sacaraboto, chefe da divisão de cooperação intelectual do Itamaraty, com quem Waldir passou a corresponder-se, esclareceu, em relação aos acordos culturais, que “nada há de firmado” com os países africanos recentemente autônomos: “Mesmo no plano de simples assinatura, não existe nenhum acordo cultural entre o Brasil e qualquer nação africana, à exceção da República Árabe Unida”⁴⁷.

Com o retorno de Vivaldo da Costa Lima, os pesquisadores baianos do CEAO começavam a voltar da África. Não que intencionassem lá ficar por todo o tempo - Costa Lima já havia dito da necessidade de voltar ao Brasil para datilografar os resultados de suas pesquisas, – mas a forma como isso se deu é revelador a do modo como o Itamaraty manteve as ações empreendidas no continente africano a duras penas. Se o tom do professor Guilherme de Souza Castro nas cartas enviadas ao chegar ao continente africano foi considerado pelos colegas como dramático⁴⁸, esse mesmo adjetivo foi tomado pelo embaixador Raymundo de Souza Dantas para caracterizar o desenrolar da política africana após a renúncia de seu maior entusiasta, o presidente Jânio Quadros. Cerca de vinte anos após aquela experiência, afirmava:

Enfim, quando nos preparávamos para a ação em África, já criadas as Embaixadas do Senegal, da Guiné, Gana, Nigéria, Costa do Marfim, Togo, Alto Volta, Mali etc., veio a renúncia. E com ela uma nova fase, esta dramática, de nossa política africana. Os escolhidos pelo Presidente Jânio Quadros foram mantidos e a orientação assegurada. Contudo, já não era a mesma coisa; já não era mais possível atender a tudo que fora pensado e estruturado; e se tivermos oportunidade de – através de nossas representações ao Sul do Saara – desenvolver um discurso em África que dê a medida de nossas intenções e de nosso compromisso com a África livre, frustrados foram os pontos altos da política pretendida, não demorando para que nos

⁴⁵ Carta enviada por Flávio Costa a Waldir Oliveira em 4 de fevereiro de 1962.

⁴⁶ Carta enviada por Flávio Costa a Waldir Oliveira em 25 de março de 1962.

⁴⁷ Carta enviada por Hélio Scarabotolo a Waldir Oliveira em 21 de novembro de 1963.

⁴⁸ Vivaldo da Costa Lima, em relação à postura de Guilherme de Souza Castro, “Mas que precisam de babá precisam”. Carta enviada por Costa Lima a Waldir Oliveira em 5 de julho de 1962.

sentíssemos, em África, sem a cobertura necessária para levá-la a bom termo. (DANTAS, 1982, p. 166)

Falta de assistência era exatamente o que os professores bradavam à Universidade da Bahia e ao Itamaraty. O desenrolar do ano de 1962 mostrou a impossibilidade de continuarem no continente africano⁴⁹. De volta à Bahia, esses pesquisadores teriam oportunidade de escrever seus textos a partir das experiências na África, inaugurando pesquisas que seriam publicadas na *Afro-Ásia*, revista do CEAO criada em 1965 e, posteriormente, se tornariam trabalhos clássicos para os Estudos Afro-Brasileiros.

Referências

Fontes

Arquivos Internos do CEAO

Caixa de correspondências - cx cor 01, 1959

Caixa de correspondências - cx cor 02, 1960

⁴⁹ Essa situação seria diferente para Pedro Moacyr Maia, que manteve seu trabalho realizado na Universidade de Dakar ao mesmo tempo em que se tornou Adido Cultural da embaixada brasileira naquele país, atuando até o ano de 1968.

Caixa de correspondências - cx cor 03, 1961

Caixa de correspondências - cx cor 04, 1962

Caixa de correspondências - cx cor 05, 1963

Arquivo do Senado

ARINOS, Discurso pronunciado pelo senador Afonso Arinos. Diário do Congresso Nacional, seção II – Fevereiro de 1961. Seção de 2/3/1961. Arquivo do Senado.

QUADROS. Discurso pronunciado pelo presidente Jânio Quadros. Diário do Congresso Nacional, Seção II – março de 1961. Sessão de 15/2/1961. Arquivo do Senado.

Bibliografia

AGOSTINHO, Pedro. Agostinho da Silva: pressupostos, concepção e ação de uma política externa do Brasil com relação à África. **Afro-Ásia**, n. 16, 1995, p. 9-23.

BACELAR, Jeferson. **A hierarquia das raças: Negros e Brancos em Salvador**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BEZERRA DE MENESES, Adolpho. **O Brasil e o Mundo Ásio-Africano**. 2. ed. Rio de Janeiro: GDR, 1960.

Cartas de Pierre Verger a Vivaldo da Costa Lima. **Afro-Ásia**, n. 37, 2007, p. 241-288.

CASTRO, Yêda Pessoa de. **A experiência do CEAO**. Datilografado, s/d.

_____. **Falares africanos na Bahia**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

CONCEIÇÃO, José Maria Pereira. **Os Estudos Africanos no Brasil e as relações com a África – Um Estudo de Caso: O CEAO (1973 – 1986)**. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DANTAS, Raimundo de Sousa. **África Difícil: Missão Condenada**. Rio de Janeiro: Leitura, 1965.

_____. Notas sobre as relações Brasil-África no início dos anos 60. **Estudos Afro-Asiáticos**. 6-7, 1982, p. 166.

FARIAS, Paulo. Entrevista concedida a Luiza Reis. Escrita, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A Colônia Brazilianista: História Oral de vida acadêmica**. São Paulo: Nova Stella, 1990.

REIS, Luiza Nascimento. **O Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia: Intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África (1959-1964)**. Dissertação de

Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

_____. África volta à Bahia: o Centro de Estudos Afro-Orientais e o intercâmbio de estudantes africanos. In: TRAJANO FILHO, Wilson (Org.). **Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional**. Brasília: Athalaia, 2009, p. 141-169.

RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. **IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros: relações culturais, identidade e alteridade**. Tese (Doutorado em Comunicação). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1999.

RISÉRIO, Antônio. **Avant-garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995.

RODRIGUES, José Honório. **Brasil e África: outro horizonte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança negra no Brasil**. Salvador: Edufba, 2005.

SILVA, George Agostinho da. O nascimento do CEAO. **Afro-Ásia**, n. 16, p. 5-8, 1995.

SOMBRA SARAIVA, J. F. **O lugar da África: A dimensão atlântica da política externa brasileira (de 1946 a nossos dias)**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.